



Cultura Festival termina no início de Agosto

Cistermúsica, um festival onde o hábito faz a arte (há já 32 anos)

Quando hoje subir ao palco do Mosteiro de Alcobaça *Dom Garcia* de Joly Braga Santos, é um capítulo da história dos festivais em Portugal que se entrelaça

Paula Sofia Luz

O que têm em comum a primeira edição do Festival de Vilar de Mouros, em 1971, e a 32.ª edição do Cistermúsica, em Alcobaça? *Dom Garcia*, a cantata cénica composta por Joly Braga Santos (à época auxiliado no libreto por Natália Correia e David Mourão-Ferreira), que mais de 50 anos depois renasce hoje em palco, desta vez na cerca do Mosteiro de Alcobaça.

Na linha do tempo, cruzam-se entre um e outro momento uma nova coincidência: dois médicos (que nunca se conheceram) haveriam de fazer acontecer dois festivais tão diferentes, separados por centenas de quilómetros e tantos anos. António Barge, médico de Vilar de Mouros, encorajou a três grandes vultos da cultura portuguesa uma obra emblemática para a inauguração do Festival de Vilar de Mouros. Em 1992, o médico José Pedrosa, à época vereador, fez acontecer a primeira edição do Cistermúsica. E eis que, chegados a 2024, no centenário do nascimento de Joly Braga Santos, a história de D. Garcia e seus quatro irmãos (D. Sancho, D. Afonso, D. Elvira e D. Urraca), filhos do rei D. Fernando, de Castela (antes da formação do Reino de Portugal), assoma ao Mosteiro de Santa Maria, num dos espetáculos mais aguardados desta edição. Participam a Banda Sinfônica da Polícia de Segurança Pública, o Coro Sinfônico Lisboa Cantat, os bailarinos da Escola de Dança do Conservatório Nacional (com coreografia de Catarina Moreira) e um elenco de luxo para interpretar a obra.

Nada que surpreenda o público que este festival foi criando, ao longo de três décadas, primeiro sob a batuta da câmara municipal, depois atra-

vés da Banda de Alcobaça – Associação de Artes (ABA), com o apoio da Direcção-Geral das Artes (DGArtes), construindo assim uma temporada anual com alguns dos melhores intérpretes de música na cena nacional e internacional.

Quando, em 1992, o então vereador José Pedrosa se lembrou de organizar um festival “de música erudita”, uma onda de desconfiança percorreu a comunidade. Era o ano em que a cidade assistia à classificação da Abadia de Cister enquanto Património da Humanidade, pela UNESCO. Entusiasmado, o vereador da Cultura justificava a criação do “1.º Festival de Música de Alcobaça – Cistermúsica”, dedicado à música coral, de câmara, sinfônica, e também ao *ballet*, como forma de contrariar “o carácter irregular das iniciativas culturais ao longo dos anos”.

Rui Moraes, presidente da direcção da ABA, lembra-se bem desse tempo. E do caminho que entretanto ajudou a trilhar, ao cabo de 32 edições de um festival que conseguiu conquistar a região e o país. Quando, em 2002, a Banda de Alcobaça assumiu a produção do festival, estava dado o primeiro passo para conseguir concorrer a apoios diversos, com a DGArtes à cabeça. E Rui Moraes foi acumulando as funções de presidente da direcção da ABA com várias outras: director-geral do festival, co-director artístico, além de todas as solicitações que foram aparecendo. E mesmo agora, que deixou de viver em Alcobaça (integra actualmente a administração do Opart, no Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa), não perde de vista a banda onde aprendeu a tocar saxofone, aos nove anos.

Do bailado à diversidade

Há um antes e um depois do Cistermúsica em Alcobaça, assim como o



tempo se divide entre a chegada do compositor Alexandre Delgado à direcção artística e, nos últimos anos, a presença de André Cunha Leal, que assumiu a programação principal até 2023. A estrutura foi-se profissionalizando, e este ano a ABA requisiou-o apenas como consultor, ainda assim fundamental para escolher os cerca de 40 concertos desta

32.ª edição, que se iniciou no final de Junho e se estende até ao início de Agosto.

Rui Moraes recua até à juventude para rememorar os primórdios do festival, “quando tinha apenas quatro concertos por ano, e nem todos eram profissionais”. “Muitas vezes tinha dois concertos profissionais, dois concertos académicos, em algu-

mas edições também algum bailado. Por isso podemos dizer que cresceu tanto”, afirma ao PÚBLICO. “E cresceu não só na área da programação clássica, mas também na diversidade de estilos. Hoje em dia temos também uma programação a que chamamos Outros Mundos, com muita relevância, e onde temos a dança contemporânea, o jazz, outras tipologias musicais, também para fazer jus ao nosso mote, à nossa assinatura desde há uns anos, que é ‘um clássico para todos’”, explica.

Não se trata de pôr em causa a afirmação da música clássica, mas antes de aproveitar “os muitos espaços e locais belos do Mosteiro de Alcobaça, diversificando a oferta para outros públicos”, afirma Rui Moraes. Na verdade, foi mesmo assim, no plural e na diversidade, que o Cistermúsica se foi afirmando.

Começou por acontecer apenas na cidade de Alcobaça, onde hoje moram cerca de cinco mil habitantes. Depois voou para outros espaços, para lá do mosteiro, foi-se espalhando pelos palcos das diversas



FOTOS: DR

cussionistas, “jovens talentos de grande qualidade, que vão aliar a música contemporânea a outras áreas performativas”.

Desse dia especial faz também parte o cruzamento do clássico com o jazz, em torno de Chopin: “Com o Vasco Dantas Rocha no piano e com o trio do Mário Laginha a reinterpretar os temas que o Vasco vai apresentando.”

O que fica depois

Deste 32.º Cistermúsica constam exactamente 47 espectáculos, com epicentro no mosteiro. Dali, o programa irradia para a Rota de Cister, este ano com paragem em Arouca, Coimbra e Lisboa, mas também Porto de Mós e Leiria.

“Fomos pioneiros nesta maneira de ver a organização de um festival, nesta maneira aberta de ver a programação cultural”, sublinha Rui Moraes, não esquecendo a “lógica de quinta que há 22 anos ainda existia no país”, quando organizou a primeira edição, então a convite da autarquia. “Cada festival queria ter os artistas em exclusivo, não havia partilha de concertos, não havia partilha de experiências. E sempre foi nossa ideia fazer o contrário.” Aos poucos, foram chegando lá, com vários programas noutros concelhos, e vários programas em co-produção com outros festivais. Dissipando as desconfianças de 1992, nasceu um público, ou melhor, nasceram vários públicos, de olhos postos em áreas artísticas “que não são mainstream”.

Na hora de fazer as contas, Rui Moraes aponta o meio milhão de euros que figura no orçamento, e regista também as mais de dez mil pessoas que no ano passado assistiram aos vários espectáculos. “Julgo que esses números são fruto dessa criação de públicos e dessa marca que o Cistermúsica já é, na região e até no país”, arrisca dizer. “Se o Cistermúsica não fosse uma marca de qualidade na programação cultural, não se dissipavam as resistências que nós sentimos no princípio deste projeto, por parte de outros concelhos, às vezes até de concelhos vizinhos, de receberem uma marca que não era deles.”

E a abertura a novos estilos também terá feito o seu caminho, mesmo que o festival se mantenha ancorado na música clássica. “Sentimos ano após ano o público a crescer e, portanto, já não é incomum termos concertos esgotados, sendo que não estamos em Lisboa, não estamos no Porto, nem sequer estamos em Coimbra. Estamos a falar de um concelho médio e de uma cidade pequena, onde já vem muita gente de fora. E por isso é um orgulho assistir a concertos sinfónicos, já com plateias a rondar as 400 ou 500 pessoas.” O que fica daí, para o resto do ano? “Todos os outros festivais e toda a programação cultural que nasceu depois do Cistermúsica.”

freguesias do concelho e da região. “A ligação umbilical ao Mosteiro de Alcobaça é o nosso principal traço de identidade. O festival desde sempre procurou um diálogo muito frutuoso entre a música clássica e o património edificado, que é um Património de Humanidade.”

Todos os anos, a organização esforça-se por dar a conhecer espaços ou recantos escondidos do grande público. “Tentamos, aliás, abrir sempre durante o festival algum local que não esteja aberto ao turismo, para ser apresentado um espetáculo”, revela o director. Este ano a magia acontece na Capela do Desterro. “Vai ser um concerto especial, a 13 de Julho, aquele que nós chamamos o dia *non-stop*.” Faz sentido o cognome, pois “começa às três da tarde e vai até à uma da manhã, com vários concertos, todos no mosteiro, de vários tipos”. A maratona começa com um recital de flauta transversal e guitarra clássica na Capela do Desterro e acaba num espaço cultural nas imediações do mosteiro, o Armação das Artes, com um trio de per-

O festival abriu com o Requiem de Fauré, pela Orquestra Melleo Harmonia e Coro Ricercare, interpretado no Mosteiro de Alcobaça

“

**Fomos pioneiros
nesta maneira de
ver a organização
de um festival,
nesta maneira
aberta de ver
a programação
cultural**

Rui Moraes
Presidente da ABA